

Construindo uma Psicologia Social ética-política na transversalidade teórica

MARIA CRISTINA G. VICENTIN
MARIA DA GRAÇA MARCHINA GONÇALVES
SUÉLEN CRISTINA DE MIRANDA
KARLA RAMPIM XAVIER
organizadoras



São Paulo
2019

Copyright © 2019. Maria Cristina G. Vicentin e outras. Foi feito o depósito legal.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Reitora Nádir Gouvêa Kfouri/PUC-SP

Construindo uma psicologia social ético-política na transversalidade teórica / orgs. Maria Cristina G. Vicentin ... [et al.]. - São Paulo : EDUC : PIPEq, 2019.
recurso on-line : e-book.
Bibliografia.

ISBN 978-85-283-0657-6

1. Psicologia social. 2. Ciampa, Antonio da Costa. 3. Identidade (Psicologia). 4. Psicologia política. 5. Interação social. I. Vicentin, Maria Cristina G.

CDD 302.2

Bibliotecária: Carmen Prates Valls - CRB 8A./556

EDUC – Editora da PUC-SP

Direção

José Luiz Goldfarb

Produção Editorial

Sonia Montone

Revisão

Otáclio Nunes

Editoração Eletrônica

Waldir Alves

Gabriel Moraes

Capa

Gabriel Moraes

Imagem

1926 - *Geometric abstraction*

Oil on canvas

55.1 × 55.1" (140.0 × 140.0 cm)

New York, The Solomon R. Guggenheim Museum

Administração e Vendas

Ronaldo Decicino



Rua Monte Alegre, 984 – Sala S16

CEP 05014-901 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3670-8085 e 3670-8558

E-mail: educ@pucsp.br – Site: www.pucsp.br/educ

PREFÁCIO

Uma das marcas centrais da Psicologia Social brasileira é sua diversidade: são muitas as abordagens teóricas que a embasam, são vários os seus modos de fazer pesquisa, são diversos os seus campos de atuação. Até mesmo a pergunta “o que é Psicologia Social?” possui, por aqui, uma infinidade de respostas possíveis. Algumas(uns) autoras(es) a consideram uma subárea da Psicologia, outras(os) sustentam que ela é a intersecção da Psicologia com a Sociologia. Há ainda aquelas(es) que afirmam que o adjetivo “social” não delimita uma subdivisão temática ou conceitual, mas enfatiza a importância do compromisso político que toda(o) psicóloga(o) deve ter. Umas(ns) baseiam-se nas leituras do Materialismo Histórico e Dialético para estruturar suas pesquisas ou suas práticas profissionais. Outras(os) preferem as leituras construcionistas ou ainda a Teoria das Representações Sociais. Há psicólogas(os) sociais que se definem como cognitivistas, psicanalistas, comunitárias(os), analistas institucionais, do trabalho...

As teses e dissertações defendidas nas últimas quatro décadas no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social da PUC-SP (PEPGPS) refletem essa diversidade. Mostram que não há um só modo de pensar ou de fazer Psicologia Social. Que não há um objeto de estudo único. Que são várias as estratégias de intervenção. Por outro lado, produções como este livro chamam a nossa atenção para os elos, conexões e diálogos existentes entre essas várias versões de Psicologia Social.

Em minha tese de doutorado – também defendida no PEPGPS – argumentei que as diversas abordagens, definições e objetos de estudo não constituem aspectos ou atributos de um mesmo objeto, mas elementos que ajudam a performar diferentes versões desse objeto. Que fazem Psicologias Sociais diferentes, embora relacionadas entre si. Que fazem uma Psicologia Social múltipla, ou seja, que é mais do que

uma, ao mesmo tempo em que é menos do que muitas. Que é diversa e, ao mesmo tempo, singular – como o objeto fractal da matemática, é algo em que está entre o zero e o um (Prioli-Cordeiro, 2012).

Entendida dessa maneira, a Psicologia Social seria como um arquipélago: tem várias ilhas, mas essas não estão totalmente separadas. Afinal, podemos construir pontes entre elas, podemos pegar um barco e viajar de uma ilha a outra... Dependendo da distância (e de nosso folego!), podemos até nadar de uma ilha a outra. Mas essas relações, esses links, essas associações não estão dados de antemão. Eles precisam ser feitos, construídos, performados.

Uma das “pontes” construídas ao longo da história do Programa é a preocupação com a relevância social de suas produções. Independentemente dos Núcleos de Estudos aos quais estão vinculadas(os), da abordagem teórica em que se baseiam ou do método que utilizam, docentes e discentes compartilham o desejo de produzir conhecimento que contribua para transformar o mundo em que vivemos. Desejo que, como bem mostram os capítulos que compõem a primeira parte do livro, está presente desde os primórdios do PEPGPS.

Além disso, as atividades “internúcleos” e as produções coletivas do Programa, tal como esta coletânea, nos mostram que o diálogo é não apenas possível, mas desejável, potente, necessário. Neste livro, discentes de diferentes núcleos e abordagens teóricas aceitam o desafio de escrever em coautoria. E docentes comentam as ressonâncias desses textos, dando ainda mais caldo para o debate.

Tomando emprestada uma metáfora de Tomás Ibáñez Gracia (2005), o diálogo impresso nesta obra contribui para construir uma Psicologia Social “sem igrejas”. Uma Psicologia Social em que a troca e a contraposição de ideias são parte inerente do processo de produção de conhecimento. Afinal, nada mais limitante do que verdades inquestionáveis... Teorias tomadas como dogmas inibem a reflexão, o questionamento, a inquietação – características fundamentais de toda ciência que pretende ser crítica.

Assim, ao falar da importância do debate, não estou defendendo a busca de consensos. Muito menos estou reivindicando a necessidade

de ecletismos teórico-metodológicos. Em alguns casos, consenso é até possível e desejável. Mas, muitas vezes, aquilo que chamamos de consenso não passa do ato de calar os “vencidos”. De substituir uma “igreja” por outra.

Construir uma Psicologia Social sem “igrejas” envolve o desejo de uma ciência na qual relações de poder não se convertem, necessariamente, em relações de dominação (Ibáñez-Gracia, 2005). Na qual o debate é um convite à reflexão. E essa tarefa é cumprida com maestria pelas autoras e autores deste livro. Elas(es) não apenas dialogam entre si sobre temas fundamentais do campo, como também nos convocam a rever nossas certezas, a repensar nossos posicionamentos. E, mais do que nunca, precisamos falar sobre gênero, maternidade, povos indígenas, polarização política, alteridade, desigualdades, socioeducação...

Além disso, ao retomarem a história do Programa, acabam retomando, ainda que de forma indireta, não apenas a história da PUC-SP e daquelas(es) que por ela passaram, mas o próprio processo de institucionalização da Psicologia Social no Brasil. Afinal, foi na referida universidade que aconteceu a assembleia na qual foi criada a associação representativa da área – a Associação Brasileira de Psicologia Social (Abrapso). Foi também nela que, nas últimas quatro décadas, se formaram 793 mestres e 377 doutoras(es) em Psicologia Social. Muitas(os) das(os) quais se tornaram professoras(es) de universidades localizadas nos quatro cantos do país, levando na bagagem o olhar crítico e inquieto que marcou sua formação.

As páginas deste livro são, portanto, um convite para percorrermos a história e o presente do PEPGPS. Para conhecermos um pouquinho do que foi e do que é discutido nas salas de aula, nos corredores, nas reuniões de orientação. São um convite para repensarmos conceitos centrais da Psicologia Social e para refletirmos sobre o mundo em que vivemos.

Mariana Prioli Cordeiro

Docente do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP)

Referências

- IBÁÑEZ-GRACIA, Tomás (2005). "Invitación al deseo de un mundo sin iglesias, alias, variaciones sobre el relativismo". *Athenaea Digital*, n. 8, pp. 1-7.
- PRIOLI-CORDEIRO, Mariana (2012). *Psicologia Social no Brasil: multiplicidade, performatividade e controvérsias*. Tese de doutoramento em Psicologia. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.